

## I

As colinas por baixo do avião cavavam já a sua esteira de sombra no ouro do fim da tarde. As planícies tornavam-se luminosas, mas duma luz sem préstimo: neste país nunca acabam de largar ouro, tal como depois do Inverno nunca acabam de largar neve.

E o piloto Fabien, que trazia do extremo sul para Buenos Aires o correio da Patagónia, reconhecia a aproximação da noite pelos mesmos sinais que as águas dum porto: por aquela calma, por aquelas ténues rugas quase imperceptíveis que nuvens tranquilas desenhavam. Entrava numa barra imensa e bem-aventurada.

Também poderia julgar estar a dar naquela calma um passeio lento, quase como um pastor. Os pastores da Patagónia andam, sem se apressarem, de rebanho em rebanho: ele ia de cidade em cidade, era o pastor das cidadezinhas. De duas em duas horas encontrava-as, a beber à beira-rio ou a retouçar na planície.

Algumas vezes, ao fim de cem quilómetros de estepes mais desabitadas que o mar, cruzava-se com uma quinta perdida e que parecia levar para trás, numa ondulação de pradarias, a sua carga de vidas humanas; então saudava com as asas esse navio.

«San Julian está à vista; aterramos dentro de dez minutos.»

O radionavegador passava a notícia a todos os postos da linha. Ao longo de dois mil e quinhentos quilómetros, desde o estreito de Magalhães a Buenos Aires, escalonavam-se postos semelhantes;

mas este abria-se para as fronteiras da noite como em África, para o mistério, o último povoado submetido.

O navegador passou um papel ao piloto:

«Há tantas trovoadas que as descargas me enchem os auscultadores. Dorme em San Julian?»

Fabien sorriu: o céu estava calmo como um aquário e todas as escalas à frente deles lhes assinalavam: «Céu limpo, vento nulo.»

Respondeu:

«Continuamos.»

Mas o navegador pensava que se tinham instalado trovoadas algures, como os vermes se instalam num fruto; a noite seria linda, mas, no entanto, estava estragada: repugnava-lhe entrar naquele negrume em vias de apodrecimento.

Ao descer, de motor ao *ralenti*, sobre San Julian, Fabien sentia-se cansado. Tudo o que torna doce a vida dos homens crescia ao seu encontro: as casas, os cafezinhos, as árvores dos passeios. Assemelhava-se a um conquistador no entardecer das suas conquistas que se debruça sobre as terras do império e descobre a humilde felicidade dos homens. Fabien tinha necessidade de depor as armas, de se sentir pesado e curvado, também se é rico com as próprias misérias, e de ser aqui um homem simples que olha pela janela para uma visão doravante imutável. Esta aldeia minúscula, tê-la-ia aceitado: depois de termos escolhido, contentamo-nos com o acaso da nossa existência e podemos amá-la. Delimita-nos como o amor. Fabien desejava ter vivido aqui muito tempo, agarrar aqui a sua parte de eternidade, pois as cidadezinhas onde vivia uma hora e os jardins fechados por muros velhos que atravessava pareciam-lhe ter uma duração eterna e exterior a si. E a aldeia subia para a tripulação e abria-se a ela. E Fabien pensava nas amizades, nas raparigas ternas, na intimidade dos lençóis brancos, em tudo o que lentamente se vai tornando dócil e afeito a nós para todo o sempre. E a aldeia corria já rente às casas, expondo o mistério dos seus jardins fechados, que os muros já não protegiam. Mas Fabien, depois de aterrar, soube que não vira nada, a não ser o movimento lento de alguns homens por entre as suas pedras. Esta aldeia defendia, unicamente com a sua imobilidade, o segredo das

suas paixões, esta aldeia recusava a sua doçura: teria sido necessário renunciar à acção para a conquistar.

Quando os dez minutos da escala chegaram ao fim, Fabien teve de voltar a partir.

Voltou-se para San Julian: era só um punhado de luzes, depois de estrelas, e depois dissipou-se a poeira que pela primeira vez o tentou.

«Já não vejo os mostradores: vou acender as luzes.»

Tocou nos comandos, mas as lâmpadas vermelhas da carlinga lançaram sobre os ponteiros uma luz ainda tão diluída nesta luz azul que não os coloria. Passou os dedos pela frente duma lâmpada: os seus dedos mal se tingiram.

«Ainda é demasiado cedo.»

No entanto, a noite subia, semelhante a um fumo escuro, e enchia já os vales. Estes já não se distinguiam das planícies. Contudo, iluminavam-se agora as aldeias, e as suas constelações respondiam umas às outras. E também ele, com o dedo, fazia piscar as suas luzes de posição, respondia às aldeias. A terra estava atapetada de apelos luminosos, acendendo cada casa a sua estrela, voltando-a para a noite imensa, assim como um farol se volta para o mar. Tudo o que cobria uma vida humana cintilava já. Fabien admirava-se de que a entrada na noite fosse, desta vez, como a entrada numa barra, lenta e bela.

Baixou a cabeça na carlinga. O rádio das agulhas começava a luzir. Um após outro, o piloto verificou números e ficou contente. Dava por si solidamente sentado no céu. Aflorou com o dedo uma longarina de aço e sentiu no metal correr a vida: o metal não vibrava mas vivia. Os quinhentos cavalos do motor faziam nascer na matéria uma corrente muito suave que transformava o seu gelo em carne de veludo. Uma vez mais o piloto não sentia, em voo, nem vertigem, nem embriaguez, mas o trabalho misterioso duma carne viva.

Agora tinha recriado um mundo para si um mundo onde mexia os cotovelos para nele se instalar bem à vontade.

Tamborilou no quadro de distribuição eléctrica, tocou nos comandos um por um, mexeu-se um pouco, encostou-se melhor e procurou a melhor posição para sentir bem os balanços das cinco toneladas de metal que uma noite móvel espaldava. Depois tateou, pôs em posição a sua lanterna de emergência, abandonou-a, voltou a pegar nela, certificou-se de que não deslizava, largou-a de novo para bater com os dedos em cada comando, para dar com eles à primeira, para instruir os seus dedos para um mundo de cego. Depois, quando os dedos o conheceram bem, permitiu-se acender uma luz, ornamentar a sua carlinga com instrumentos precisos e seguir unicamente pelos mostradores a sua entrada na noite, como um mergulho. Depois, como nada vacilava, nem vibrava, nem tremia, e o giroscópio, o altímetro e o regime do motor permaneciam fixos, estendeu-se um pouco, apoiou a nuca ao couro do assento e começou aquela profunda meditação do voo em que se saboreia uma esperança inexplicável.

E agora, no coração da noite como um guarda-nocturno, descobre que a noite mostra o homem: os apelos, as luzes, a inquietação. Uma simples estrela na escuridão: uma casa isolada. Uma luz apaga-se: é uma casa que se fecha sobre o seu amor.

Ou sobre o seu aborrecimento. É uma casa que deixa de fazer o seu sinal ao resto do mundo. Não sabem o que esperam, aqueles camponeses de cotovelos na mesa e com um candeeiro à frente: não sabem que o seu desejo vai assim tão longe, na grande noite que os encerra. Mas Fabien descobre-o quando vem de mil quilómetros e sente vagas de fundo, profundas, a erguer e a baixar o avião que respira, quando atravessou dez tempestades, como países de guerra, e, entre os países, clareiras lunares, e quando chega a essas luzes, uma após outra, com o sentimento de vencer. Aqueles homens julgam que o seu candeeiro ilumina a humilde mesa, mas a oitenta quilómetros deles é-se já tocado pelo apelo daquela luz, como se a balançassem desesperados, numa ilha deserta, para o mar.

## II

Deste modo regressavam a Buenos Aires, vindos do Sul, do Oeste e do Norte, os três aviões da Patagónia, do Chile e do Paraguai. Em Buenos Aires, esperava-se a sua carga para dar a partida, cerca da meia-noite, ao avião da Europa.

Três pilotos, cada um na parte de trás duma cobertura pesada como um batelão, perdidos na noite, meditavam no seu voo e, em direcção à cidade imensa, desceriam lentamente do seu céu de tempestade ou de paz, como estranhos camponeses que descem das suas montanhas.

Rivière, responsável por toda a rede, passeava dum lado para o outro no campo de aviação de Buenos Aires. Permanecia silencioso, pois, até à chegada dos três aviões, este dia para ele continuava a ser temível. Minuto a minuto, à medida que os telegramas lhe chegavam, Rivière tinha consciência de arrancar qualquer coisa ao destino, de reduzir a porção de desconhecido e de puxar pelas suas tripulações para fora da noite, até à costa.

Um servente abeirou-se de Rivière para lhe comunicar uma mensagem do posto de rádio:

- O correio do Chile assinala que avista as luzes de Buenos Aires.
- Muito bem.

Em breve Rivière ouviria este avião: a noite entregava já um, tal como o mar, cheio de fluxos e refluxos e de mistérios, lança à praia o tesouro que andou a balançar durante muito tempo. E mais tarde receberia da noite os outros dois.